



DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Maio 2019

GUIA DE LEITURA

A mulher que correu atrás do vento – João Tordo



João Tordo

Biografia: Nasceu em Lisboa a 28 de Agosto de 1975. Formou-se em Filosofia na Universidade Nova de Lisboa. Foi vencedor do Prémio José Saramago 2009 com o romance "As Três Vidas" (2008). Publicou dez romances: "O Livro dos Homens Sem Luz" (2004), "Hotel Memória" (2007), "As Três Vidas" (2009), "O Bom Inverno" (2010), "Anatomia dos Mártires" (2011), "O Ano Sabático" (2013), "Biografia Involuntária dos Amantes" (2014), "O Luto de Elias Gro" (2015), "O Paraíso Segundo Lars D. (2015), "O Deslumbre de Cecília Fluss" (2017) e "Ensina-me a voar sobre os telhados" (2018). Foi finalista dos prémios Portugal Telecom, prémio Fernando Namora, Melhor Livro de Ficção Narrativa da SPA e do Prémio Literário Europeu. Os seus livros estão publicados em vários países, incluindo França, Alemanha, Itália, Brasil, Espanha, Hungria. Como guionista, participou em várias séries de televisão, incluindo O Segredo de Miguel Zuzarte (RTP), Filhos do Rock (RTP) e País Irmão (RTP).

Sinopse de *A mulher que correu atrás do vento*:

1892, Baviera. Lisbeth Lorentz, uma professora de piano, apaixona-se por um aluno de 13 anos que sofre de autismo. Ao descobrir que ele é um prodígio, instiga-o a compor um concerto durante as aulas e, um dia, sem explicação, fá-lo desaparecer.

1991, Lisboa. Beatriz, uma estudante universitária —que sonha com o toque das mãos da mãe falecida —envolve-se com o autor d'A História do Silêncio, um romance sobre Lisbeth Lorentz. Ao mesmo tempo, enquanto voluntária num abrigo para mendigos, Beatriz conhece Lia, uma jovem adolescente com um passado incógnito e um presente destruído.

1973, Londres. Graça Boyard, portuguesa, dá à luz a primeira e única filha. Fugida de Lisboa durante as cheias de 1967, para escapar à tirania do pai e à mordaza da ditadura, regressa à capital após a Revolução, tornando-se uma actriz de renome —e abandonando a filha ainda criança.

2015, Lisboa. No consultório de uma terapeuta, Lia Boyard desfia a sua história, dos anos de mendicidade ao momento em que decide procurar a mãe. É aqui que começam a unir-se as pontas de um romance a várias vozes: a história de quatro mulheres - Lisbeth, Graça, Beatriz e Lia - que atravessam um século de História e diferentes geografias, unidas por uma força que transcende a própria vida.

Um livro sobre o poder do amor e o vazio da perda, sobre a amizade que nasce das circunstâncias mais improváveis e o terrível poder da confissão. E, quase no final, uma revelação chocante, a reviravolta que faz deste romance de João Tordo uma narrativa magnética.





Foto de Gil Lemos

11 Abril 2019

Entrevista | João Tordo: “Cada pessoa move-se segundo os seus vazios e as suas feridas”

O escritor tem novo romance nas livrarias e passou pela *Arquivo*, em Leiria, para conversar com os leitores.

Neste livro, quando é que percebeu que precisava, ou preferia, quatro personagens femininas para o escrever?

Quando comecei a escrever o romance, queria escrever sobre uma pessoa que conheci há uns anos, em circunstâncias que não vou explicar, mas era uma rapariga muito nova, que vivia na rua, uma sem-abrigo. Ao final de um tempo de tentativa de comunicação, percebi que ela tinha nascido em Inglaterra, que a mãe era portuguesa, que a mãe a tinha trazido para cá aos quatro anos e a tinha abandonado. Viveu em vários lares de acolhimento, até que aos 16 anos estava na rua. A história dela tocou-me bastante e fiquei a pensar que gostaria de escrever alguma coisa acerca dela, não sabia exatamente como. Acho que o livro começou aí, nessa vontade. E depois também a vontade de fazer aquilo que acho que a literatura faz, que é abrir um caminho que não existe no mundo real, abrir possibilidades. Portanto, o que tentei fazer no livro foi contar a história dela, como se ela não tivesse desaparecido da minha vida tão jovem, porque deixei de a ver. Quis abrir uma possibilidade. No livro há o reencontro da Lia, que é a sem-abrigo à qual eu tentei dar uma vida, que aos 30 anos reencontra a mãe que a abandonou, mas reencontra também uma enorme desilusão. As personagens todas foram acabando por girar em volta de um centro que se chama Beatriz, que é a personagem que narra a história e que é uma espécie de alter-ego feminino meu.

As mulheres são personagens mais intensas do que os homens?

São diferentes. A vulnerabilidade masculina é muito diferente da vulnerabilidade feminina. E a maneira de ver o mundo. Eu cresci rodeado por mulheres e conheço mais ou menos como pensam, sentem, agem e isso ajudou-me bastante na escrita do livro. O que senti é que às tantas já não era eu, era mesmo a Beatriz que estava a contar aquela história. E a sua maneira de contar a história era muito mais compassiva, tinha muito mais empatia, do que normalmente tenho com os narradores que são masculinos.

Alguma explicação?

Nós, homens, socialmente e culturalmente, temos tendência a ser educados de uma maneira mais rígida, com menos flexibilidade e de uma maneira um bocadinho mais agressiva. E as mulheres, pelo modo como são educadas, pelo menos em Portugal, têm tendência a desenvolver mais uma capacidade de compaixão que acho que é importante.

Como é que faz para dar voz às personagens femininas?

É uma questão de tentativa e erro, de ir ensaiando. Já sabia mais ou menos como poderia lá chegar, depois, sempre que as dificuldades se foram apresentando, acabei por remeter para o período da minha vida em que as mulheres estiveram mais presentes, que foi mesmo a infância. Não só tenho uma irmã gémea como vivia rodeado pela minha mãe, tias, avós, enfim, esse coro de vozes femininas foi-me ajudando bastante sempre que me senti em dificuldades. E depois, às tantas, aconteceu aquilo que acontece aos escritores, quando mergulham de facto num romance: tornam-se as personagens do romance, e portanto, aí, já não há nenhuma dificuldade, a única dificuldade é voltar a ser eu.

O escritor desaparece atrás das personagens ou, pelo contrário, nasce precisamente por se misturar nas personagens?

Durante a escrita do romance, desapareço. E isso é muito interessante para mim porque me dá a oportunidade de conhecer caminhos e possibilidades, uma oportunidade de criar empatia com outros que não sou eu, outros modos de ser e de estar. E depois dos romances acabo por regressar a mim, sempre com dificuldade. Quando acabo um romance fico umas semanas bastante combalido, como se aquilo fosse um processo que me é difícil, mas fico combalido e esse regresso a mim, que é necessário e fundamental, acaba por ser, também ele, bastante interessante.

As vozes que povoam os livros que escreve já existem? Sejam personagens masculinas ou femininas, é um processo de as ouvir e exprimir?

Há sempre um gatilho exterior que me leva depois a compreender “ok, esta voz está aqui e precisava desse gatilho para ser invocada”, mas sou muito crente nos gregos e acho que os gregos quando falam em oráculos, e quando o Aristóteles define a tragédia com todos aqueles passos, os passos mais engraçados são a audácia e a catarse, sendo a audácia aquele momento em que me desafio a mim próprio a uma nova obra, a um novo livro, e isso significa que tenho de escutar o coro de vozes que estão aqui dentro, a chamar, e

depois, seguindo o processo, acaba por ser sempre catártico, no sentido em que muito daquilo que acaba nos livros já existia em mim, mas eu não sabia formulá-lo.

Tem escrito muito, tem passado quase mais tempo dentro das histórias do que do lado de cá, no mundo real.

Acho que é metade metade. Mas há um lado de consolo e de refúgio nos livros e na escrita que me proporciona bem-estar e capacidade de, por um lado, ir progressivamente aceitando a vida de escritor como vida solitária, e, por outro lado, ir-me desmascarando através das minhas personagens e através das histórias.

Há muita ilusão na vida de todos os dias?

Uma das ilusões mais perniciosas talvez seja a da felicidade. É uma ilusão de que se eu fizer xis e xis e xis e se seguir um caminho tal e tal e tal, vou ser feliz. Não sei se o ser humano está feito para isso, acho que o ser humano está feito para constantemente resolver problemas e constantemente estar em situações de conflito e de luta consigo próprio e de dúvida. Essa é a grande ilusão, de que no fim do caminho há um vale com arco-íris. A felicidade não é um assunto muito importante para mim e por isso me espanto imensas vezes que hoje se escrevam tantos livros sobre os relacionamentos e o amor. É um tema pouco interessante para mim.

Neste livro, A Mulher que Correu Atrás do Vento, regressa ao tema da perda. Há vários temas no livro, um deles é o abandono, outro é o reencontro. Como é que fazemos os nossos lutos pessoais e como é que desenterramos os outros do passado – e o que é que isso significa. É a história de quatro mulheres, tão entrelaçada, tão complexa e tão cosida por fios invisíveis que às tantas não consigo dizer que o livro é sobre uma coisa só. São vários temas.

Nos livros do João Tordo aparecem frequentemente escritores e outros criadores. É o meio em que me movo e acho que sei dizer alguma coisa acerca do processo criativo. Embora sejam quase sempre personagens secundários. Interessa-me muito o processo de criação. De onde nasce, por que é que nasce, por que é necessário, para algumas pessoas.

Encontrou resposta?

Cada pessoa move-se segundo os seus vazios e as suas feridas, portanto, nós vamos tentando ao longo da nossa vida colmatar e pôr pensos rápidos, panaceias, vamos à procura de quem somos e por que fazemos aquilo que fazemos. O processo criativo tem uma enorme vantagem e uma enorme desvantagem. A vantagem é que tem beleza associada, a desvantagem é que muitas vezes nesse processo criativo podemos ficar reféns, escravos dele, e esse é o perigo.

O João Tordo que estudou filosofia convive muitas vezes com o João Tordo escritor? Alguns ensinamentos foram ficando. Foi importante porque ainda hoje muitas vezes quando estou a escrever me lembro de Platão, Santo Agostinho, Kierkegaard, mas li os filósofos como se fossem romancistas, até a minha tese final de curso foi sobre um romance, sobre o George Orwell. E, portanto, a filosofia talvez esteja presente, mas é uma presença muito mascarada.

Os leitores “têm uma inteligência muito diferente de quem escreve, [são] muito mais perspicazes”

Os escritores são cada vez mais solicitados para promoção e apresentação dos livros?
Tudo acontece, nunca tudo ao mesmo tempo, mas, por exemplo, esta semana vou à Suíça, depois volto, fico cá durante a Feira do Livro, depois vou viajar outra vez, mas, o que acontece é que esse efeito também está um bocadinho a desaparecer, ou seja, há 10 ou 15 anos, de repente, os escritores passaram a ser viajantes, também, mas de tanto contacto com o público, às tantas, quando se oferece uma coisa muitas vezes, ou demasiadas vezes, as pessoas também perdem o interesse, não é? Com tanto festival literário e tanta presença do público junto dos escritores, às vezes, pode ter um efeito contraproducente. Continua a acontecer, mas é cada vez mais difícil motivar o público, porque quando se vê um escritor que está constantemente na esfera pública, ele deixa de ser um objecto interessante, porque está sempre disponível.

O escritor é mais interessante como figura enigmática do que como estrela rock?
Pode ser as duas coisas, mas para ser estrela rock precisa de ter um certo estatuto, que nenhum escritor em Portugal tem. Há alguns escritores americanos que são estrelas rock, não há nenhum em Portugal que seja. Em Portugal, se te expões demasiado gastas muito a tua imagem. O facto de as pessoas, por exemplo, terem todas imensa curiosidade sobre Herberto Helder, que foi um tipo que nunca deu entrevistas e que nunca apareceu, criou essa aura de mistério em torno de si próprio. Não estou a dizer que seja essa a solução, mas, às vezes, há um excesso de exposição.

Como é que o João Tordo se sente nessa rotina?

Bem, porque gosto muito do contacto com os leitores, gosto de ouvir e perceber o que é que as pessoas gostaram nos livros, como é que os vêem, gosto de falar dos livros, também, mas, claro, tenho o meu limite de presenças públicas que faço por ano.

O que as pessoas dizem sobre os livros costuma surpreendê-lo?

Às vezes são muito surpreendentes coisas que dizem que eu nem sequer tinha reparado. Por exemplo, há uns anos, por acaso aqui na Arquivo, em 2015, acerca de um romance meu, uma senhora dizia que tinha apontado a quantidade de vezes que aparecia o número dois e a palavra dois – e eram centenas de vezes. Neste último livro, outro dia um leitor disse-me que o livro o tinha deixado muito ansioso porque o final fica em aberto e ele precisava de saber o que é que acontecia àquela personagem cujo desfecho não se conhece. Portanto, acho que as pessoas quando lêem os livros têm uma inteligência muito diferente de quem os escreve, muito mais perspicazes. É muito engraçado esse encontro.

Acontece escrever quando está em viagem?

Às vezes, sim, acontece, porque não tenho outra solução, mas eu sou, por natureza, uma criatura sedentária. Gosto de viajar, e nestes 15 anos a publicar livros viajei por toda a parte do mundo, foi incrível, mas sou por natureza uma pessoa sedentária, como acho, aliás, que os escritores têm tendência a ser, mesmo os mais aventureiros têm um lado profundamente sedentário, porque a escrita, pelo menos para mim, e para os escritores que gosto de ler, tem um lado de tranquilidade, de reclusão, de introspecção, de

profundidade – psicológica, quase – que só consegues quando estás quieto na tua própria presença durante um tempo prolongado. A escrita é um processo solitário. Eu só chego a isto quando tenho tempo para mim durante um período prolongado. Se estou sempre em movimento, a maneira como percepciono o mundo torna-se muito diferente e a maneira como reajo também se torna muito diferente.

Prémios e traduções numa obra intensa. Já está a escrever o próximo, mas, por enquanto, *A Mulher que Correu Atrás do Vento* é o novo livro de João Tordo, nas livrarias há menos de um mês, com edição da Companhia das Letras. É o décimo segundo romance desde 2004, numa obra reconhecida muito cedo e distinguida em 2009 com o Prémio Literário José Saramago. Em *A Mulher que Correu Atrás do Vento*, narrado entre 1892 e 2015, desenrola-se a história de quatro mulheres, separadas por três cidades e quatro datas diferentes. João Tordo nasceu em Lisboa em 1975 e é formado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa. Viveu em Londres e nos Estados Unidos. Tem livros publicados em vários países, incluindo França, Itália, Alemanha, Brasil, Hungria, Espanha, Argentina, México e Uruguai.

ENTREVISTA A JOÃO TORDO

16 de abril de 2019 (Livraria Lello)



No passado dia 29 de março, a **Livraria Lello** teve a oportunidade de estar à conversa com o escritor **João Tordo**, que escolheu a Livraria mais bonita do mundo para fazer a apresentação do seu novo romance **“A Mulher Que Correu Atrás do Vento”**.

João Tordo conta já com uma longa lista de títulos publicados, tanto nacional como internacionalmente, tendo sido vencedor do **Prémio Literário José Saramago** em 2009 com o seu livro **“As Três Vidas”** e do **Prémio GQ - Man of the Year Literatura** em 2014.

A entrevista decorreu no Espaço Vozes Vivas da Livraria Lello, e foi registada em formato audiovisual e posteriormente transcrita.

Livraria Lello (LL): Olá João, bem-vindo à Livraria Lello! Porque escolheu este espaço para apresentar este novo livro?

João Tordo (JT): Obrigado! A escolha foi uma curiosidade... Eu estava no México, em Guadalajara, na feira do livro onde Portugal foi país convidado no final do ano passado, e uma das pessoas que trabalha com vocês, o Adélio Gomes, convidou-me para fazer a apresentação na Livraria Lello. Eu sempre quis conhecer, mas por razões de logística acabávamos por ir sempre aos mesmos lugares, porque sabíamos que tínhamos público garantido. Sempre tive muita curiosidade em fazer apresentações na Livraria Lello... Porque é lindíssima, e este espaço (Vozes Vivas) também é muito curioso, ouvem-se os passos das pessoas lá em cima, é ótimo, acho que dá um ambiente muito especial. Depois disso, fomo-nos mantendo em contacto e acabamos por decidir vir cá fazer a apresentação deste romance.

LL: Qual foi o mote, a sua inspiração, para escrever este romance “A Mulher que Correu Atrás do Vento”?

JT: Não há propriamente um mote. Há muito tempo que queria escrever um romance só com vozes femininas. Já tinha experimentado num outro livro, mas era apenas um capítulo curto. Neste livro quis escrever quatro mulheres como protagonistas. O livro varre um tempo cronológico bastante grande,

começa em 1892, finais do século XIX, na Alemanha, com a história de uma compositora clássica que comete um ato menos nobre ao roubar uma composição a um dos seus alunos, um rapaz de 13 anos. As outras protagonistas são mais do presente. Uma delas é a Lia, inspirada numa pessoa verdadeira, que foi abandonada pela mãe aos 4 anos e depois a Beatriz que é a narradora do livro. Quis tecer uma história que percorresse mais de um século, mas no qual as personagens femininas se encontrassem profundamente ligadas sem saberem, como se o livro fosse uma descoberta, capítulo a capítulo.

LL: Sente que isso é o que vai distinguir este romance de todos os outros que já publicou?

JT: Neste sentido sim, em muitos dos meus livros tenho narradores masculinos, essencialmente porque sou homem e é mais fácil para mim escrever desse ponto de vista. O grande desafio deste livro foi precisamente usar outro ponto de vista, e perceber porquê que eu o queria fazer, e em que medida aquelas vozes estavam a falar comigo. Diz-se que os malucos ouvem vozes, mas quando um escritor começa a ouvir vozes isso é bom sinal, quer dizer que há alguém dentro de nós a querer falar connosco e eu tinha esta voz feminina muito forte a falar-me, mas durante muito tempo não tive coragem de arriscar, não me sentia preparado para isso. As dificuldades também foram engraçadas, porque quando percebi que cresci com vozes femininas – com a Joana a minha irmã gémea, avós, tias-avós, a minha mãe... rodeado por um coro de mulheres – percebi que conhecia bem aquelas vozes. Foi precisamente esse exercício de ir buscar a minha infância que me ajudou muito a escrever este livro.

LL: Como foi o processo de escrita deste livro em particular?

JT: Eu tento deixar que as ideias se tornem férteis, e por isso posso começar a ter, por exemplo, uma ideia hoje e só começo a escrever o livro daqui a 3 anos e, entretanto, vou escrevendo outros. Isto aconteceu-me com este, eu já tinha a parte do livro que se passa no final do século XIX, já tinha essa ideia há vários anos, mas ainda não tinha encontrado uma razão para a escrever. O que eu faço quando escrevo é fechar-me muito na minha escrita e todos os dias tenho um processo que parece um ritual em que acordo à mesma hora, começo a escrever à mesma hora, paro à mesma hora e ao fim de 3 a 4 meses tenho um primeiro rascunho que depois posso ir trabalhando com o tempo, que é o fator mais importante da equação, sem ele não há literatura. Neste livro tive uma ajuda em particular, em meados de fevereiro de 2018, estava no terceiro capítulo, e de repente a voz da protagonista que é a Lia, teimava em não sair. Eu estava com muita dificuldade e vinha de carro, numa viagem Lisboa - Porto, e, de repente, liguei o rádio e comecei a ouvir a Cristina Branco, a cantora, que estava a dar uma entrevista acerca do novo disco dela que ia sair nessa altura e passaram uma das canções... era tão bonita e foi tão emocionante ouvi-la naquele momento em particular, porque me mostrou o que eu não estava a fazer bem - eu estava a tentar escrever do ponto de vista duma miúda de 16 anos, quando o lógico e o mais sensível seria escrever do ponto de vista dessa mesma miúda mas mais velha. A canção da Cristina Branco fala disso mesmo, fala sobre a idade e o envelhecer, sobre as rugas que vão aparecendo, e os joelhos que doem no inverno. Essa foi a minha ajuda.

LL: Para terminar, existe algum romance já na gaveta prestes a chegar?

JT: Sim, mas não queria falar muito acerca disso, para já. Ainda estamos a decidir para este ano, é capaz de acontecer uma surpresa. Depois para o próximo ano já tenho algumas coisas planeadas, mas ainda não sei bem. Vamos ter de esperar... este livro acabou de sair também!

LL: Acredito que já haja qualquer coisa “no forno” que nos vai surpreender.

JT: Sim, claro que há.

LL: Muito obrigada, João!

JT: Obrigado eu, foi um prazer.

Após a intimista apresentação do seu livro, João Tordo abriu o diálogo com o público e possibilitou a troca de opiniões e ideias, finalizando com uma sessão de autógrafos.



Fotografia ©Nuno Sampaio

Andreia Filipa Ferreira - 16 MARÇO, 2019 (Revista RUA)

JOÃO TORDO: “A LITERATURA É A MINHA FORMA DE FÉ”

O novo romance do escritor português chega às livrarias a 19 de março.

A poucos dias do lançamento oficial do novo romance de João Tordo, antecipamos alguns destaques da entrevista do escritor português à Revista RUA. Leia a entrevista completa na nossa próxima edição, nas bancas em abril.



A Mulher que Correu Atrás do Vento chega às livrarias a 19 de março.

Como é que esta sua história como escritor começa?

Durante 28 anos escrevi sem nunca publicar. Escrevi para mim e o que escrevia ficava na gaveta... ou deitava fora. Fiz o meu processo de perceber que a escrita era sobretudo, pelo menos naquela idade, uma experiência de fracasso. Tentar, tentar, tentar... perceber o que eu queria dizer, o que me importava dizer, que tipo de voz eu tinha... Isso surgiu muito por tradição literária, ou seja, ler! Passei muitos anos a ler sem objetivo nenhum de publicar e aprendi assim. Fui construindo a minha tradição, porque não se escreve sozinho, escreve-se com as vozes dos outros que vieram antes de nós. Por um lado, a tradição e, por outro, a imitação. Só aos 28 anos é que tive coragem de pegar num manuscrito e enviar para várias editoras

em Portugal (nessa altura eu vivia nos EUA). Demorou algum tempo até ter uma resposta. Publiquei o primeiro romance aos 29 anos, o que acho que é cedo. Hoje em dia vemos escritores muito mais novos, com 20 anos, a publicar, e eu considero muito precoce. Não há tempo para se ter vivido, para se ter amadurecido.

“Acho que não há coisa mais sagrada do que a literatura. É a minha forma de fé”

O que há de João Tordo neste novo romance?

Eu acho que quem me lê tende a achar que o meu trabalho é biografia ou autobiografia, mas não é. Embora eu às vezes vá buscar episódios pessoais. Este novo livro, *A Mulher Que Correu Atrás do Vento*, por exemplo, é um livro contado por quatro mulheres e a origem do livro tem como base uma pessoa verdadeira, alguém que eu conheci há uns anos e cuja história me impressionou muito. Às tantas, comecei a construir o livro em torno daquela personagem. Uma miúda de 17 anos que vive na rua e que desde os quatro anos que não vê a mãe. A história foi-se construindo a partir daí e, de repente, começaram a surgir outras vozes femininas que eu queria que fizessem coro em torno da personagem. Essas vozes femininas não foram assim tão difíceis de identificar como eu pensava porque quando eu olho para a minha infância vejo que também cresci com vozes femininas. Cresci com uma irmã gémea, com a minha mãe, a minha avó, as minhas tias-avós. É mais ou menos fácil identificar essas vozes porque eu tenho-as dentro de mim, muito presentes. No princípio foi difícil porque sou homem, penso como um homem, sinto como um homem. Mas o desafio era esse.

É um escritor que se isola para procurar inspiração?

Eu dantes escrevia muito sozinho e procurava lugares isolados. Escrevia muitas horas sem falar com ninguém e sem ver ninguém. Nos últimos cinco anos, comecei a escrever em público. Comecei a ir para cafés, restaurantes, lugares públicos porque sinto necessidade de ver pessoas, de escutar a voz delas, de sentir o ambiente das pessoas à minha volta. Acho uma parvoíce a ideia de que se tem que dessacralizar a literatura. Ou que os escritores são génios que estão fechados numa torre de marfim. Nós não somos estanques. Há pessoas que têm de estar fechadas numa torre e outras que têm necessidade de estar em público. Cada um tem a sua maneira de funcionar. Por isso, acho que não há coisa mais sagrada do que a literatura. É a minha forma de fé. Quando estou a escrever, estou num espaço muito meu, que é sagrado não no sentido de ser institucionalmente sagrado (não estou na igreja), mas estou no meu próprio espaço sagrado. A literatura, para mim, é um espaço muito sagrado. Por isso é que eu, nas redes sociais por exemplo, não quero ter opiniões, não estou interessado porque se eu começar a permitir que o banal, que o transitório, que o vulgar entre nesse meu espaço sagrado, começo a perder-me.